

A MÉDIA GLOBAL NA EDUCAÇÃO BÁSICA CATARINENSE: DESAFIOS E CONTRIBUIÇÕES PARA A PRÁTICA E FORMAÇÃO CONTINUADA DE PROFESSORES DA ESCOLA DE EDUCAÇÃO BÁSICA SÓROR ANGÉLICA - SÃO LOURENÇO DO OESTE - SC

THE GLOBAL AVERAGE IN BASIC EDUCATION IN SANTA CATARINA: CHALLENGES AND CONTRIBUTIONS TO TEACHING PRACTICE AND CONTINUING EDUCATION FOR TEACHERS AT THE SÓROR ANGÉLICA BASIC EDUCATION SCHOOL - SÃO LOURENÇO DO OESTE, SANTA CATARINA

LA MEDIA GLOBAL EN LA EDUCACIÓN BÁSICA DE SANTA CATARINA: RETOS Y APORTACIONES A LA PRÁCTICA Y LA FORMACIÓN CONTINUA DE LOS DOCENTES DE LA ESCUELA DE EDUCACIÓN BÁSICA SÓROR ANGÉLICA - SÃO LOURENÇO DO OESTE - SC

Gilberto Luiz Zattera¹
Débora Araújo Leal²

RESUMO: Este artigo analisa como a política de Média Global vem sendo vivida no cotidiano da Escola de Educação Básica Sórora Angélica, em São Lourenço do Oeste (SC), e de que modo influencia a avaliação da aprendizagem e a formação continuada dos professores do Ensino Médio. Partindo da compreensão de que avaliar não é apenas atribuir notas, mas tomar decisões que afetam trajetórias escolares e projetos de vida, o artigo buscou iluminar tensões, avanços e contradições que atravessam a implementação da Média Global na rede catarinense, tomando a escola investigada como recorte concreto dessa realidade. O artigo vai apresentar a pesquisa qual adotou abordagem qualitativa, com inspiração na pesquisa-ação, e foi desenvolvida ao longo de cinco meses. A produção dos dados envolveu observação com diário de campo em situações de sala de aula e de conselho de classe, entrevistas semiestruturadas e questionário diagnóstico aplicados a 12 professores. As informações foram organizadas em categorias que contemplaram a compreensão da política, os impactos na prática avaliativa, os dilemas e contradições vividos pelos docentes, as lacunas na formação inicial e continuada e as propostas elaboradas pelos próprios professores para ressignificar a avaliação e o uso da Média Global. Os resultados indicam que a Média Global é amplamente conhecida em sua dimensão técnica, mas ainda pouco apropriada em seu sentido pedagógico, aparecendo muitas vezes associada apenas ao fechamento de notas e às decisões de aprovação e reprovação. Ao mesmo tempo, emergem movimentos importantes em direção a uma avaliação mais formativa, especialmente quando a escola cria espaços de estudo, partilha e reflexão sobre as práticas avaliativas. Como desdobramento, foi elaborado um plano de formação continuada construído a partir das necessidades e sugestões do coletivo docente. Conclui-se que ressignificar a avaliação e a Média Global exige não apenas uma política definida em norma, mas condições para que os professores se reconheçam como sujeitos da prática e da reflexão, em um movimento coletivo de construção de uma cultura avaliativa mais justa, humanizada e comprometida com a aprendizagem de todos..

Palavras-chaves: Avaliação da aprendizagem. Média Global. Formação continuada de professores. Educação Básica. Ensino Médio. Importância do letramento.

¹Doutor pela BRANNER GLOBAL University - Wilmington-DE

²Pós-Doutora pelo Instituto Universitário Italiano de Rosário IUNIR-AR, Coordenadora Pedagógica da Rede Municipal de Ensino de Feira de Santana - BA; Reitora da Educaler University - USA.

I. INTRODUÇÃO

A educação básica em Santa Catarina, assim como em outros estados brasileiros, enfrenta múltiplos desafios no campo da avaliação, sobretudo no que se refere à implementação da Média Global, dispositivo normativo que busca integrar os resultados de diferentes componentes curriculares em um indicador único de desempenho. A proposta, ao mesmo tempo em que pretende conferir uma perspectiva mais holística e integradora à avaliação, suscita debates acerca de sua efetividade, de seus limites e de suas repercussões na prática pedagógica e na formação continuada dos docentes.

Este estudo, realizado na Escola de Educação Básica Sórora Angélica, localizada em São Lourenço do Oeste (SC), parte da necessidade de compreender como a política da Média Global é compreendida e operacionalizada no cotidiano escolar, em especial no Ensino Médio. Mais do que um simples instrumento de cálculo, a Média Global apresenta-se como um desafio que exige reflexão crítica sobre os sentidos da avaliação, a adequação de metodologias, o papel do professor como mediador da aprendizagem e a coerência entre políticas educacionais e a realidade das salas de aula.

A justificativa desta investigação decorre da complexidade do sistema educacional brasileiro, que demanda tanto a inovação nas práticas avaliativas quanto o fortalecimento da formação continuada dos professores. Dados recentes indicam que aproximadamente 30% dos estudantes do Ensino Médio em Santa Catarina apresentam dificuldades significativas em disciplinas fundamentais, como Língua Portuguesa e Matemática. Essa realidade reflete-se em taxas expressivas de repetência e evasão, fenômenos que reforçam a necessidade de uma avaliação mais diagnóstica, formativa e integradora, capaz de orientar intervenções pedagógicas mais eficazes.

1.1. Avaliação global: fundamentos, políticas e sentidos pedagógicos

A educação contemporânea enfrenta desafios crescentes para repensar seus fundamentos diante de transformações sociais, culturais e tecnológicas permanentes. Nesse contexto, surge a concepção de Média Global, entendida como uma proposta pedagógica que integra dimensões cognitivas, socioemocionais, culturais e éticas, promovendo uma formação que supera a fragmentação tradicional do conhecimento. Tal abordagem busca articular saberes de forma multidimensional, considerando o estudante em sua totalidade e inserido em um mundo globalizado, interconectado e plural.

De acordo com Bacich e Moran (2018), o processo educativo deve romper com modelos centrados exclusivamente na transmissão de conteúdos e avançar para práticas que estimulem o protagonismo estudantil, a resolução de problemas complexos e o desenvolvimento integral. Esses princípios estão em consonância com a Média Global, que propõe a escola como um espaço de construção colaborativa do conhecimento, favorecendo não apenas habilidades cognitivas, mas também competências sociais e éticas.

Do ponto de vista teórico, a Média Global se relaciona diretamente com os conceitos de educação integral e de aprendizagem ao longo da vida, amplamente discutidos na literatura pedagógica. Segundo Zabala e Arnau (2010), a formação integral exige que a escola considere o estudante em todas as suas dimensões intelectual, emocional, corporal e relacional, valorizando não apenas o domínio de conteúdos, mas também a capacidade crítica, criativa e ética. Assim, a Média Global fundamenta-se na necessidade de articular diferentes saberes e experiências, superando a fragmentação curricular que ainda prevalece em muitas instituições de ensino.

O conceito também se apoia nas teorias de aprendizagem significativa, propostas por Ausubel (2003), que defendem que a incorporação de novos conhecimentos só ocorre efetivamente quando conectada aos repertórios prévios do estudante. A Média Global, ao alinhar princípios pedagógicos à realidade local e global, promove conexões entre saberes, ampliando a relevância da aprendizagem e contribuindo para que o estudante compreenda e interprete o mundo de forma crítica e transformadora.

Outro elemento essencial da Média Global é a valorização do papel mediador do professor. Imbernón (2016) argumenta que a prática docente contemporânea deve se afastar da mera transmissão de informações e priorizar a criação de situações de aprendizagem significativas, nas quais os alunos sejam sujeitos ativos. Nesse processo, o professor atua como facilitador, orientando investigações, reflexões e colaborações. Dessa forma, a Média Global redefine não apenas o papel do estudante, mas também a função docente, exigindo formação continuada e atualização permanente.

O diálogo entre a Média Global e as metodologias ativas é igualmente relevante. Moran (2018) aponta que estratégias como aprendizagem baseada em projetos, sala de aula invertida e gamificação permitem que os estudantes experienciem situações concretas de aprendizagem, mobilizando diversas competências. Tais metodologias encontram respaldo na Média Global, que reconhece a complexidade do mundo contemporâneo e a necessidade de preparar estudantes para interagir criticamente nesse contexto.

Pesquisas recentes corroboram essa perspectiva, evidenciando que propostas pedagógicas que articulam saberes e promovem o protagonismo estudantil contribuem para maior engajamento e melhores resultados acadêmicos. Valente (2020), por exemplo, demonstrou que a utilização de tecnologias digitais, em conjunto com metodologias ativas, favorece tanto a aprendizagem cognitiva quanto o desenvolvimento socioemocional, ampliando a capacidade de colaboração, comunicação e resolução de problemas dos estudantes.

Outro aspecto central da Média Global é a articulação entre o local e o global. Diante de um contexto marcado por fluxos migratórios, interdependência econômica e avanços tecnológicos, o estudante necessita desenvolver competências que lhe permitam compreender sua realidade imediata e fenômenos globais. Nóvoa (2019) defende que a escola deve formar cidadãos críticos, conscientes de seu papel no mundo e aptos a atuar em diferentes contextos culturais e sociais. A Média Global, nesse sentido, busca integrar as dimensões local e global na experiência educativa.

Por fim, é relevante destacar que a Média Global não se apresenta como um modelo rígido ou prescritivo, mas sim como um princípio orientador que inspira práticas pedagógicas inovadoras e integradoras. Seu eixo central consiste no reconhecimento de que a educação deve ser plural, inclusiva e orientada para a formação de sujeitos autônomos, críticos e capazes de atuar transformadoramente na realidade. Tal concepção cria espaço para propostas de formação continuada, incentivando os professores a refletirem sobre suas práticas e a incorporarem novos referenciais pedagógicos em seu cotidiano escolar, como será aprofundado nos subcapítulos seguintes deste marco teórico.

A concepção de Média Global encontra respaldo em teorias e práticas vinculadas à educação integral, que compreende a formação do estudante em todas as suas dimensões intelectual, emocional, social, ética, cultural e corporal. Essa perspectiva reconhece que o desenvolvimento humano não se limita ao domínio de conteúdos disciplinares, mas deve abranger aspectos relacionados à convivência, à cidadania, ao autoconhecimento e à inserção crítica no contexto global.

Do ponto de vista teórico, a Média Global se alinha aos princípios da educação integral e da aprendizagem ao longo da vida, amplamente discutidos na literatura pedagógica contemporânea e defendidos por organismos internacionais como a UNESCO. Segundo Zabala e Arnau (2010), a formação integral requer que a escola considere o estudante como sujeito completo e diverso, que aprende por meio de múltiplas experiências. Os autores

ênfatisam que a educação não deve restringir-se à transmissão de conteúdos, mas precisa favorecer o desenvolvimento da capacidade crítica, criativa e relacional dos estudantes, permitindo-lhes compreender e transformar a realidade em que estão inseridos.

Essa perspectiva é reforçada pelo relatório da UNESCO (2015), que destaca a necessidade de preparar indivíduos capazes de enfrentar os desafios globais do século XXI, como as mudanças climáticas, as desigualdades sociais, as rápidas transformações tecnológicas e os intensos fluxos migratórios. Nesse contexto, a escola deve proporcionar condições para que os alunos construam conhecimento significativo, articulado às questões locais e às problemáticas globais. A Média Global, portanto, se configura como uma proposta pedagógica que integra diferentes saberes, articula experiências e promove aprendizagens que superam a fragmentação curricular ainda presente em muitos sistemas educativos.

A educação integral, conforme documentos oficiais e diretrizes educacionais, objetiva formar sujeitos autônomos, críticos, éticos e capazes de atuar em uma sociedade plural. No Brasil, essa concepção é refletida nas orientações da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), que define dez competências gerais a serem desenvolvidas ao longo da educação básica. Entre elas, destacam-se o pensamento científico, crítico e criativo; o desenvolvimento de habilidades socioemocionais como empatia e cooperação; a capacidade de argumentação e comunicação; além da promoção da responsabilidade pessoal e social. Ao articular essas competências, a BNCC aproxima-se do princípio da Média Global, pois ambas compartilham a visão de que a formação humana deve ir além do cognitivo, contemplando também valores, atitudes e habilidades para a vida em sociedade.

Nesse sentido, a Média Global atua como paradigma de superação do ensino fragmentado e conteudista, ainda prevalente em grande parte das instituições escolares. Enquanto modelos tradicionais priorizam a preparação para exames ou a memorização de conteúdos, a Média Global busca promover uma formação integral e integrada, conectando cada conhecimento adquirido a outros saberes e às vivências cotidianas do estudante. Essa articulação amplia o significado da aprendizagem, tornando-a mais próxima da realidade e mais relevante para a vida.

Além disso, ao dialogar com o conceito de aprendizagem ao longo da vida, defendido pela UNESCO desde o relatório de Delors (1996), a Média Global propõe que a educação ultrapasse os limites do espaço escolar formal, estendendo-se a diferentes tempos e ambientes. Aprender em sociedade, em família, em espaços culturais e comunitários integra a construção

da formação humana integral. Assim, a educação deixa de ser percebida como uma etapa restrita da juventude, passando a ser um processo contínuo, essencial para o exercício da cidadania e para a adaptação frente às constantes transformações do mundo contemporâneo.

Outro ponto relevante é a dimensão socioemocional no contexto da educação integral e da Média Global. Pesquisas recentes em psicologia educacional e neurociência indicam que aspectos como empatia, resiliência, cooperação e autocontrole são determinantes tanto para o sucesso escolar quanto para a vida social. Portanto, não se trata apenas da aprendizagem de conteúdos acadêmicos, mas do desenvolvimento de competências socioemocionais que possibilitem ao estudante lidar com conflitos, tomar decisões éticas e interagir de forma construtiva em diferentes contextos culturais.

A Média Global, nesse contexto, amplia o horizonte educacional ao considerar o estudante em sua complexidade, com múltiplas dimensões que se complementam e não podem ser dissociadas. A escola deve, portanto, ser um espaço de desenvolvimento integral, no qual o conhecimento científico dialogue com valores humanos, diversidade cultural e demandas sociais. Dessa forma, o processo educativo adquire caráter transformador, possibilitando que os estudantes se tornem sujeitos ativos, críticos e responsáveis diante de si mesmos, de sua comunidade e do mundo.

6

Por fim, é possível afirmar que a educação integral na perspectiva da Média Global representa tanto um desafio quanto uma oportunidade para a escola contemporânea. É desafiadora porque exige mudanças profundas nos currículos, nas práticas pedagógicas e na formação docente; é uma oportunidade por abrir espaço para uma educação mais inclusiva, plural e conectada às necessidades reais da sociedade. Formar integralmente o estudante significa prepará-lo para compreender a interdependência entre o local e o global, respeitar as diferenças e contribuir ativamente para a construção de um mundo mais justo, sustentável e humano.

Em síntese, a educação integral fundamenta a Média Global ao reconhecer que a formação humana precisa ser multidimensional, contemplando tanto a aquisição de conhecimentos acadêmicos quanto o desenvolvimento socioemocional, cultural e ético. Essa perspectiva rompe com o ensino fragmentado e cria condições para uma aprendizagem mais conectada com a vida real e os desafios globais.

No entanto, para que essa concepção se concretize de forma efetiva, é necessário refletir também sobre a natureza do conhecimento e sobre a maneira como ele é assimilado pelo

estudante. Nesse sentido, ganham destaque as teorias da aprendizagem significativa, que oferecem fundamentos essenciais para compreender como o estudante relaciona novos conteúdos com seus repertórios prévios, tornando a experiência educativa mais duradoura e relevante. Essa discussão será aprofundada no próximo subcapítulo.

A análise dos fundamentos da Média Global não pode ser dissociada do debate sobre a aprendizagem significativa, pois ambos convergem na valorização do estudante como sujeito ativo no processo educativo. O modelo escolar tradicional, centrado na memorização e na reprodução de informações, revela-se insuficiente diante da complexidade do mundo contemporâneo. Nesse sentido, compreender como o conhecimento se torna relevante e duradouro é essencial para repensar currículos, práticas pedagógicas e o papel da escola na sociedade.

David Ausubel (2003), principal teórico da aprendizagem significativa, defende que a assimilação de novos conteúdos ocorre de maneira efetiva apenas quando estes se relacionam com os saberes já presentes na estrutura cognitiva do estudante. Diferente da aprendizagem mecânica, baseada em repetição e memorização, a aprendizagem significativa envolve interação ativa entre o novo e o já conhecido, permitindo a construção de significados. Assim, o estudante não apenas retém informações, mas consegue interpretá-las, contextualizá-las e aplicá-las em diferentes situações do cotidiano.

7

Essa teoria possui implicações diretas para a Média Global. Ao integrar dimensões cognitivas, socioemocionais, culturais e éticas, essa proposta pedagógica busca que o conhecimento escolar se conecte às experiências de vida dos estudantes, às realidades locais e às problemáticas globais. Tal articulação amplia o alcance da aprendizagem, tornando-a mais autêntica e pertinente aos desafios da sociedade. A relevância do conhecimento, portanto, vai além de seu valor acadêmico, estendendo-se à sua aplicabilidade social e ao potencial transformador.

A motivação do estudante é outro aspecto central da aprendizagem significativa. Para estabelecer conexões entre novos conteúdos e conhecimentos prévios, é necessário que o aprendiz tenha sentido para o aluno. Quando desvinculado da vida, o ensino se torna desinteressante, favorecendo a passividade e o abandono escolar. Nesse contexto, a Média Global valoriza a motivação intrínseca, estimulando curiosidade, criatividade e desejo de aprender. Ao relacionar conteúdos com questões sociais, temas atuais e desafios globais, cria-se um ambiente propício para que a aprendizagem seja significativa, prazerosa e engajadora.

No Brasil, essa perspectiva encontra respaldo na Base Nacional Comum Curricular (BNCC), que estabelece competências como autonomia intelectual, pensamento científico, comunicação, empatia e responsabilidade social (Brasil, 2017). Tais competências estão estreitamente vinculadas à aprendizagem significativa, pois se efetivam somente quando os conteúdos escolares fazem sentido para a vida do estudante e se relacionam com situações concretas.

A relevância da aprendizagem significativa é ainda mais evidente diante das competências globais, discutidas pela OCDE (2019). Para a organização, o desafio da educação contemporânea consiste em preparar estudantes capazes de analisar problemas locais, globais e interculturais, compreender diferentes perspectivas, comunicar-se respeitosamente e agir em prol do bem comum. A Média Global se alinha a esse propósito ao promover aprendizagem que integra conhecimentos, valores e atitudes, favorecendo a formação de cidadãos críticos e participativos.

É importante ressaltar que a teoria de Ausubel (2003) não se restringe à dimensão cognitiva, mas dialoga com abordagens que enfatizam os aspectos sociais e culturais da aprendizagem. Lev Vygotsky (1998), por exemplo, destaca a importância da interação social para a construção do conhecimento, argumentando que o desenvolvimento cognitivo ocorre em contextos de mediação e colaboração. Essa perspectiva complementa a aprendizagem significativa, mostrando que o conhecimento se constrói tanto na relação entre o novo e o prévio quanto nas interações com professores, colegas e contextos culturais diversos.

8

A Média Global, portanto, integra a dimensão individual da aprendizagem significativa ao considerar os repertórios prévios de cada estudante à dimensão social, ao valorizar troca de experiências, colaboração e construção coletiva do conhecimento. Essa articulação amplia as possibilidades de ensino, transformando a sala de aula em um espaço de diálogo, investigação e produção de sentidos.

Outro ponto relevante é a necessidade de repensar os instrumentos de avaliação à luz da aprendizagem significativa. Em muitos sistemas escolares, a avaliação ainda privilegia provas conteudistas, focadas na memorização. A Média Global propõe uma avaliação formativa e processual, que acompanha continuamente a aprendizagem e valoriza múltiplas competências. Avaliar a aprendizagem significativa implica considerar não apenas o que o estudante sabe, mas como aplica seus conhecimentos, conecta-os a novas situações e mobiliza habilidades cognitivas e socioemocionais.

Portanto, a importância da aprendizagem significativa para a Média Global é clara. Ao reconhecer que o conhecimento deve ter sentido e se relacionar com a vida do estudante, a proposta pedagógica supera o ensino fragmentado e reducionista. A educação deixa de ser apenas acumulação de informações, tornando-se uma experiência transformadora, em que o estudante desenvolve capacidade de interpretar, criticar, criar e agir no mundo.

Em síntese, a aprendizagem significativa oferece os fundamentos teóricos que sustentam a Média Global como paradigma educativo. Ela reforça a ideia de que o estudante deve ser compreendido em sua totalidade, considerando seus saberes prévios, vivências culturais e potencialidades. Essa concepção também abre caminho para reflexão sobre o papel do professor como mediador da aprendizagem, tema que será aprofundado no próximo subcapítulo.

Um dos desafios centrais da educação contemporânea é a persistência da fragmentação curricular. Historicamente, a escola moderna estruturou-se a partir da divisão do conhecimento em disciplinas isoladas, cada qual com seus conteúdos, métodos e tempos específicos. Essa organização, herdada de modelos positivistas e cartesianos, permitiu o aprofundamento de áreas do saber, mas gerou uma visão compartimentalizada da realidade, dificultando a compreensão de fenômenos complexos que, na vida social, se apresentam de forma integrada e interdependente.

9

Segundo Sacristán (2000), o currículo deve ser compreendido não apenas como uma lista de conteúdos a serem transmitidos, mas como uma construção cultural que expressa escolhas, valores e formas de organizar a experiência escolar. Manter currículos rígidos e excessivamente segmentados limita a capacidade dos estudantes de relacionar aprendizagens, perceber conexões entre diferentes áreas e aplicar conhecimentos em contextos concretos. Essa crítica fundamenta a proposta da Média Global, que defende a superação da fragmentação como condição para uma educação integral e significativa.

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC, 2018) reconhece esse desafio ao propor a integração de competências gerais que ultrapassam fronteiras disciplinares, como pensamento científico, crítico e criativo; argumentação; e cultura digital. Essas orientações indicam a necessidade de práticas pedagógicas que articulem saberes, conectando-os às demandas sociais e culturais contemporâneas. Contudo, a implementação dessas diretrizes ainda encontra resistências, tanto pela estrutura tradicional das escolas quanto pela formação inicial e continuada dos professores, frequentemente pautada em lógica disciplinar rígida.

A fragmentação curricular não compromete apenas a aprendizagem, mas também a motivação e o engajamento dos estudantes. Quando os conteúdos são apresentados de forma desconexa, prevalece a memorização mecânica e o esquecimento rápido. Em contrapartida, a articulação entre áreas do conhecimento permite que os estudantes percebam relevância prática, atribuam sentido às aprendizagens e desenvolvam competências de análise crítica. É nesse contexto que a Média Global se apresenta como alternativa pedagógica inovadora, propondo um olhar integrador sobre currículo e processo formativo.

A interdisciplinaridade e a transdisciplinaridade são estratégias essenciais nesse cenário. Fazenda (2011) ressalta que interdisciplinaridade não significa diluir disciplinas, mas promover diálogos e interações que ampliem a compreensão dos fenômenos. A transdisciplinaridade, por sua vez, busca superar os limites do conhecimento escolar, integrando saberes científicos, artísticos, culturais e da vida cotidiana. Ambas as perspectivas estão em consonância com a Média Global, ao valorizar a complexidade da realidade e formar sujeitos capazes de atuar em contextos diversos e interconectados.

2. METODOLOGIA

O presente estudo adota uma abordagem qualitativa, caracterizando-se como pesquisa descritiva, cujo propósito central é apresentar o fenômeno investigado, seus conceitos e particularidades. A opção por esse enfoque metodológico justifica-se pela ênfase da pesquisa qualitativa na imersão em contextos naturais e na proximidade com os sujeitos estudados.

Ao vivenciar diretamente o ambiente escolar, busca-se captar as múltiplas dimensões e nuances que permeiam as práticas pedagógicas e formativas. Diferentemente da pesquisa quantitativa, que busca generalizações a partir de dados numéricos, a abordagem qualitativa privilegia a interpretação e a compreensão das dinâmicas sociais em sua singularidade, considerando características específicas de grupos, instituições e realidades particulares (Gerhardt & Silveira, 2009, p. 31).

A escolha pelo enfoque qualitativo reflete o compromisso de compreender pessoas, contextos e significados sem reduzi-los a números ou médias que, muitas vezes, ocultam diferenças relevantes. Na Educação Básica, essa atenção torna-se ainda mais sensível, visto que cada trajetória escolar é marcada por trabalho, cuidado familiar, deslocamentos, experiências de exclusão e também de resistência. Esse enfoque permite acolher a complexidade da experiência escolar, valorizando sentidos, interpretações e narrativas, reconhecendo que o

aprendizado é sempre situado e construído nas relações e na linguagem (Minayo, 2021; Spink, 2020). Assim, o objetivo não é apenas medir resultados, mas compreender o que motiva a permanência escolar, como os sujeitos se engajam e como o conhecimento se manifesta no cotidiano.

Dentro dessa perspectiva, a pesquisa se orienta por perguntas abertas, que buscam descrever e interpretar diferentes dimensões da experiência educativa: o que é considerado significativo pelos sujeitos? Quais obstáculos se apresentam? Que arranjos didáticos favorecem competência e pertencimento? Tais questões exigem escuta atenta, análise rigorosa e reflexividade do pesquisador em relação ao próprio olhar, características fundamentais da tradição qualitativa amplamente discutida no contexto brasileiro (Chizzotti, 2020; Demo, 2021). A reflexividade constitui um elemento ético e metodológico essencial, ao explicitar como as interpretações foram construídas e quais escolhas guiaram cada etapa do estudo.

Outro aspecto relevante da abordagem qualitativa é a produção de descrições densas do contexto educacional. Em vez de tratar a escola como dado genérico, o estudo descreve tempos, espaços, cultura, expectativas e tensões, compondo um retrato capaz de sustentar inferências plausíveis e úteis para profissionais em situações semelhantes. Essa densidade não significa prolixidade, mas fundamenta interpretações articulando vozes, documentos, rotinas e decisões pedagógicas em torno de eixos analíticos claros (Gatti, 2021; Libâneo, 2021). Assim, afirmações sobre o impacto de determinada prática pedagógica em engajamento e permanência baseiam-se em evidências contextualizadas, conectadas à realidade concreta das escolas de Educação Básica.

A atenção à singularidade constitui outro mérito do enfoque qualitativo. Os sujeitos não são casos típicos, mas histórias únicas, e políticas ou práticas educativas assumem diferentes significados quando atravessadas por gênero, raça, território e trabalho. Ao considerar essas interseções, a pesquisa contribui para um currículo justo, que dialoga com a realidade dos estudantes, respeita repertórios culturais e mobiliza o conhecimento como instrumento de compreensão e transformação do mundo (Candau, 2021; Gomes, 2021; Carneiro, 2023). Na Educação Básica, essa atenção possui dimensão pedagógica: sentir-se reconhecido influencia engajamento e qualidade do esforço intelectual.

O enfoque qualitativo também favorece a compreensão de processos educativos. Não se trata apenas de verificar se algo “funcionou”, mas de entender como ocorre: quais escolhas didáticas tornam claros os objetivos de aprendizagem, que formas de devolutiva fortalecem a

confiança acadêmica, como as relações entre colegas e professores promovem autoria e responsabilidade. Ao seguir essas dinâmicas, a pesquisa fornece insumos práticos para o planejamento escolar, como tornar critérios de avaliação mais visíveis, organizar microetapas com devolutivas frequentes e criar momentos de síntese adequados a estudantes que conciliam estudo, trabalho e cuidado familiar (Pimenta, 2020; Libâneo, 2021).

Quanto à qualidade e rigor da pesquisa, o enfoque qualitativo baseia-se na clareza conceitual, coerência interna do percurso interpretativo e transparência das escolhas metodológicas. Quanto mais explícitos os conceitos, recortes e procedimentos analíticos, maior a credibilidade das conclusões. A consistência argumentativa, isto é, a sustentação das interpretações por evidências e diálogo com a literatura, protege a pesquisa de vieses e generalizações apressadas, especialmente em contextos do Ensino Médio da Educação Básica (Severino, 2022; Minayo, 2021).

O compromisso ético é outro ponto central: tratar as pessoas com respeito, proteger a privacidade, reconhecer desigualdades e devolver à comunidade conhecimento útil. A pesquisa qualitativa transforma experiências vividas em aprendizados compartilháveis, fomenta reflexão docente e contribui para ciclos contínuos de melhoria, fatores decisivos em escolas que enfrentam evasão, desmotivação e desigualdades (Gatti, 2021; Arroyo, 2021).

12

A força do enfoque qualitativo não reside em representar todos, mas em gerar compreensão transferível, permitindo que outros profissionais julguem a pertinência dos achados para suas próprias realidades (Chizzotti, 2020; Severino, 2022). Dessa forma, gestores e docentes obtêm orientações práticas para decisões imediatas, sem perder a perspectiva do projeto educativo de longo prazo.

Por fim, a abordagem qualitativa reconhece que narrar, argumentar e interpretar é parte constitutiva do aprendizado. Ao escutar significados, identificar nuances e explicitar critérios de qualidade, a pesquisa contribui para ambientes educativos nos quais o conhecimento é vivido, fortalecendo autonomia, pertencimento e capacidade de ação dos estudantes. Essa é a contribuição esperada de um estudo comprometido com a Educação Básica, valorizando conquistas individuais, transformando experiências em aprendizados compartilháveis e reforçando o sentido público da educação (Minayo, 2021; Libâneo, 2021; Gatti, 2021).

3. RESULTADOS E DISCUSSÕES

As observações realizadas na Escola de Educação Básica Sórora Angélica permitiram acompanhar, de perto, como a política da Média Global se materializa no cotidiano das aulas e dos espaços coletivos. O olhar atento ao dia a dia confirmou a importância de uma abordagem qualitativa e de pesquisa-ação para compreender não apenas o que os professores fazem, mas como significam a avaliação em sua prática (Minayo, 2021; Thiollent, 2018).

De modo geral, verificou-se que a avaliação ocupa lugar central na organização do trabalho docente, principalmente nos períodos de fechamento de notas. A forma como muitos registros são feitos revela uma cultura ainda fortemente marcada pela lógica classificatória, em que a nota assume função de seleção, como problematiza Luckesi (2011), em detrimento do acompanhamento formativo dos processos de aprendizagem.

Em diferentes momentos observados, a Média Global apareceu no discurso dos professores associada mais ao cálculo final do boletim do que à construção de percursos formativos para os estudantes. Essa compreensão predominantemente técnica e normativa se aproxima do alerta de Sacristán (2013), para quem as políticas avaliativas, quando não são apropriadas criticamente pelos docentes, correm o risco de se reduzir a um procedimento burocrático, esvaziado de sentido pedagógico.

Ao observar as aulas, foi possível perceber esforços dos professores em diversificar as estratégias didáticas, com uso de explicações contextualizadas, atividades em grupo e resolução de exercícios em conjunto com a turma. No entanto, a avaliação, muitas vezes, continuou organizada em torno de provas pontuais e trabalhos isolados, confirmando a crítica de Hoffmann (2018) de que ainda há um descompasso entre práticas de ensino mais participativas e formas avaliativas centradas em verificação final.

Em diversas situações, a Média Global foi mencionada pelos docentes como mecanismo que “evita reprovação desnecessária” e “ajuda a aprovar o aluno que é esforçado”, evidenciando um reconhecimento de seu potencial para reduzir retenções. Esse movimento dialoga com dados que relacionam repetência e evasão escolar, ao mesmo tempo em que traz à tona o alerta de Perrenoud (1999) sobre o risco de se promover sem garantir aprendizagens essenciais, caso não haja intervenções pedagógicas sistemáticas ao longo do percurso.

As observações revelaram também que o principal instrumento de avaliação continua sendo a prova escrita ao final do período letivo. A centralidade desse recurso remete à tradição

dos exames escolares analisada por Vianna (2000), em que a avaliação assume função certificadora e seletiva, mais do que reguladora do processo de ensino e aprendizagem.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa teve como propósito compreender como a política de Média Global vem sendo apropriada e vivida no cotidiano da Escola de Educação Básica Sórora Angélica, focalizando especificamente as concepções dos professores sobre avaliação, os impactos na prática pedagógica, os dilemas e contradições que emergem em sua aplicação e as possibilidades de ressignificação por meio de um plano de formação continuada. Ao longo do percurso investigativo, tornou-se evidente que a avaliação, longe de ser um procedimento neutro, constitui um campo de tensões, disputas e possibilidades, atravessado por dimensões pedagógicas, éticas, políticas e afetivas.

Os dados produzidos a partir das observações, entrevistas e questionários mostraram que a política de Média Global, embora conhecida em seu funcionamento técnico, ainda é pouco compreendida em seu sentido pedagógico mais amplo. Muitos professores associam a política, principalmente, ao fechamento das notas e às decisões de aprovação e reprovação, o que indica a permanência de uma cultura avaliativa fortemente marcada pela lógica classificatória. Ao mesmo tempo, emergem sinais de abertura para concepções mais formativas de avaliação, especialmente entre aqueles que participam com maior frequência de processos de reflexão e formação.

14

No que diz respeito à compreensão da política, as falas docentes evidenciam um movimento ambivalente: de um lado, reconhecem a Média Global como estratégia que pode evitar reprovações consideradas “injustas” e favorecer a permanência dos estudantes; de outro, expressam preocupação com a possibilidade de que a aprovação não venha acompanhada da garantia de aprendizagens essenciais. Essa ambivalência revela o quanto a avaliação é vivida entre a exigência de justiça e o medo de “aprovar sem saber”, o que produz insegurança e, muitas vezes, sensação de solidão nas decisões.

Os impactos da Média Global na prática avaliativa docente também se mostraram complexos e heterogêneos. Alguns professores relataram que passaram a acompanhar o percurso dos estudantes com maior cuidado, registrando mais sistematicamente participação, atividades e avanços, o que aponta para um movimento em direção à avaliação como processo. Outros, porém, indicaram que, na prática, a prova escrita ainda assume papel central no cálculo

das notas, o que mantém viva a lógica do exame como principal critério de julgamento, mesmo em um contexto que se pretende mais global e integrador.

As entrevistas deixaram evidente que a política provoca deslocamentos nas rotinas da escola, especialmente nos conselhos de classe, que passaram a ser atravessados pela exigência de olhar para o conjunto das disciplinas e não apenas para um componente isolado. Entretanto, a pressão por prazos, a quantidade de casos a serem analisados e a força da cultura burocrática fazem com que, muitas vezes, a decisão final acabe se apoiando mais nos números do sistema do que na análise qualitativa das trajetórias dos estudantes. Essa contradição reforça a necessidade de repensar não apenas a política, mas os modos de organização do trabalho escolar.

Os dilemas e contradições na aplicação da Média Global configuram um dos achados mais significativos da pesquisa. Em diversos momentos, os professores expressaram a sensação de estarem divididos entre o compromisso com a aprendizagem e as demandas institucionais por índices de aprovação. Essa tensão se traduz em sentimentos de culpa, impotência ou ambiguidade, sobretudo em situações em que o número da média global aponta para aprovação, enquanto a percepção sobre as aprendizagens do estudante sugere a existência de lacunas importantes.

REFERÊNCIAS

- ARROYO, M. G. (2021). **Ofício de mestre: Imagens e autoimagens** (12. ed.). Autêntica
- Hoffmann, R. (2018). **Avaliação escolar: Entre tradição e inovação**. Cortez.
- Libâneo, J. C. (2021). **Didática** (3. ed. rev.). Cortez.
- Luckesi, C. C. (2011). **Avaliação da aprendizagem escolar: Estudos e reflexões**. Cortez
- Minayo, M. C. de S. (2021). **O desafio do conhecimento: Pesquisa qualitativa**. Hucitec.
- Perrenoud, P. (1999). **Avaliação: Da excelência à regulação das aprendizagens** (S.Saquetti, Trad.). Artmed. (Obra original publicada em 1998)
- Pimenta, S. G. (2020). **Didática e formação de professores** (7. ed.). Cortez.
- Sacristán, J. G. (2013). **Currículo: Teoría y práctica**. Morata.
- Thiollent, M. (2018). **Metodologia da pesquisa-ação**. Cortez
- Thiollent, M. (2018). **Metodologia da pesquisa-ação**. Cortez.